



Revista Diálogo Educacional

ISSN: 1518-3483

dialogo.educacional@pucpr.br

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Brasil

de Pinho, Eduardo Martins; Ferreira, Carlos Alberto; Pinto Lopes, José
As opiniões de professores sobre a aprendizagem cooperativa
Revista Diálogo Educacional, vol. 13, núm. 40, septiembre-diciembre, 2013, pp. 913-937
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Paraná, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189129169006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



As opiniões de professores sobre a aprendizagem cooperativa

Teacher's opinions on cooperative learning

Eduardo Martins de Pinho^[a], Carlos Alberto Ferreira^[b], José Pinto Lopes^[c]

^[a] Mestre em Psicologia (especialização em Psicologia da Educação) pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) e mestrando em Psicologia (especialização em Psicologia Clínica) pela mesma universidade, Vila Real - Portugal, e-mail: severense55@gmail.com

^[b] Doutor em Educação pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), professor auxiliar na mesma universidade e pesquisador integrado do Centro de Investigação em Educação da Universidade do Minho, Vila Real - Portugal, e-mail: caferreira@utad.pt

^[c] Doutor em Psicologia pela UTAD e professor associado da mesma universidade, Vila Real - Portugal, e-mail: jlopes@utad.pt

Resumo

A aprendizagem cooperativa é um método em que os alunos trabalham em pequenos grupos heterogêneos, com papéis previamente definidos, trocando informações e partilhando materiais, estando cada aluno consciente de que só terá sucesso se todos os elementos do grupo também tiverem. Esse método, apesar de ainda ser pouco utilizado em Portugal, aos poucos vem ganhando força. Nesse sentido, realizou-se uma investigação para compreender as opiniões sobre a aprendizagem cooperativa de professores que a utilizavam no processo de ensino e aprendizagem. Para isso, utilizou-se uma metodologia de investigação qualitativa, por meio da realização de entrevistas semiestruturadas aplicadas

a sete professoras do ensino básico e secundário portugueses. Por meio dela, verificou-se que, para as professoras entrevistadas, a aprendizagem cooperativa é um método que tem como principais vantagens o aumento do rendimento acadêmico e da autoestima dos alunos e a melhoria das suas competências sociais. Por outro lado, identificaram-se algumas dificuldades na sua implementação em sala de aula, nomeadamente no nível dos alunos, do tempo disponível, dos recursos e da extensão dos programas.

Palavras-chave: Aprendizagem cooperativa. Opiniões de professores. Método de ensino e aprendizagem.

Abstract

Cooperative learning is a method in which students work in small heterogeneous groups, with predefine droles, exchanging information and sharing materials, having each student the awareness that he/she will succeed only if all elements of the group also do. This method, although still not widely used in Portugal, has gradually been gaining strength. In this sense, we conducted an investigation to understand the teacher's opinions on cooperative learning that used it in the process of teaching and learning. For this we've used a qualitative research methodology, by conducting semi-structured interviews with seven teachers of the Portuguese primary and secondary levels. Through it we could see that, for the interviewed teachers, cooperative learning is a method that has, as main advantages, the increase of academic achievement and self-esteem of students and the improvement of their social skills. Moreover, they identified some difficulties in its implementation in the classroom, particularly in terms of students, time available, resources and the extension of the programs.

Keywords: Cooperative learning. Opinions of teachers. Teaching and learning methods.

Introdução

No contexto de uma sociedade democrática e heterogênea no nível social, cultural e econômico, cada vez mais as escolas e os professores

deparam-se com desafio de encontrar formas de organizar e maximizar a aprendizagem dos diversos alunos e de educá-los para que sejam capazes de cooperar e estabelecer relações interpessoais positivas. A aprendizagem cooperativa pode, sem dúvida, ajudar a responder a esse desafio (GOIKOETXEA; PASCUAL, 2002).

O desenvolvimento de competências não só acadêmicas, como também sociais, adquire importância relevante, pois é fundamental que os alunos aprendam e sejam formados para saber se relacionar e cooperar uns com os outros. A utilização da aprendizagem cooperativa como método de ensino e aprendizagem, nesse sentido, proporciona condições para a realização de aprendizagens significativas dos conteúdos e para o desenvolvimento das referidas competências, tornando os alunos capazes de (con)viver numa sociedade como a atual (VIEIRA, 2000).

Diante do exposto, o presente artigo pretende mostrar e refletir os resultados de um estudo sobre as opiniões de sete professoras sobre a aprendizagem cooperativa implementada no processo de ensino e de aprendizagem. Para tanto, começamos por caracterizar o conceito de aprendizagem cooperativa, apontar as particularidades dos grupos cooperativos, distinguindo-os dos grupos tradicionais, e identificar os tipos de grupo cooperativo e o papel do professor e do aluno nessa aprendizagem. Na sequência, descrevemos o problema e os objetivos do estudo e descrevemos os procedimentos de coleta e análise de dados. Por fim, apresentamos os resultados obtidos, por categorias emergentes, e discutimos-los à luz das ideias teóricas defendidas.

Conceito de aprendizagem cooperativa

A investigação sobre a aprendizagem cooperativa incentivou-se a partir da década de 1970 (SLAVIN, 1996), de tal modo que Johnson, Johnson e Stanne (2000) referem que se tornou uma das áreas mais amplas e férteis em relação à teoria, prática e investigação em educação. Tal aprendizagem é um método de ensino e aprendizagem que se estrutura

pela utilização de pequenos grupos de alunos que trabalham em conjunto para maximizar sua própria aprendizagem e a dos seus colegas (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999). Maset (2003) sustenta que ela se apoia em dois pilares essenciais: a aprendizagem, que requer a participação direta e ativa de todos os estudantes, visto que nenhum deles pode aprender por ninguém, e pressupõe a existência da interajuda; e a ajuda mútua e cooperação, que possibilitam atingir níveis mais altos de aprendizagem, de melhor qualidade. Por sua vez, Bidegáin (1999) afirma que se pode falar de aprendizagem cooperativa quando se organiza uma tarefa cuja condição necessária para realização é a cooperação de todos os elementos nela intervenientes. Um aluno só poderá ter sucesso nessa tarefa se todos os elementos do grupo tiverem sucesso, o que faz com que o sucesso de cada um esteja dependente do sucesso de todos.

São vários e diversificados os métodos de aprendizagem cooperativa, sendo uns mais prescritivos e concretos e outros mais conceituais e flexíveis. Essa diversidade é um dos fatores que contribuíram para sua difusão e uso nas escolas e noutros contextos de aprendizagem, dependendo da formação do professor, do tipo de tarefas em que são utilizados e dos alunos que vivenciam a aprendizagem cooperativa (LOPES; SILVA, 2009). O êxito de cada método depende, segundo Ros (2001), da interdependência positiva criada entre os elementos do grupo, fazendo-lhes perceber que só trabalhando juntos eles podem alcançar os objetivos inicialmente delineados.

Características dos grupos cooperativos e dos grupos tradicionais

Para que seja considerado cooperativo, o grupo tem que assumir as seguintes características (FREITAS; FREITAS, 2003; JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999; SLAVIN, 1988):

- a) **interdependência positiva**: considerada a principal característica da aprendizagem cooperativa, consiste na percepção que

cada elemento do grupo tem de que só será bem-sucedido se todos os outros também forem, de modo que o trabalho de cada elemento beneficia o grupo e o trabalho do grupo beneficia cada elemento. Para intensificar a interdependência positiva nos elementos do grupo, Lopes e Silva (2009) afirmam que podem ser utilizadas as recompensas de grupo, a partilha de recursos e os papéis complementares;

- b) **responsabilidade individual e de grupo:** cada aluno é responsável por fazer a sua parte do trabalho, que é decidida pelo próprio grupo. Desse modo, os professores precisam avaliar o esforço de cada elemento na resolução do trabalho, sempre dando *feedback* a cada aluno e ao grupo na totalidade (JOHNSON; JOHNSON, 1994);
- c) **interação estimuladora:** na realização de uma tarefa com objetivos comuns, cada aluno tem de se preocupar com o sucesso dos elementos restantes. Por isso, tem que ajudar os colegas, caso seja necessário, e partilhar os recursos, estabelecendo-se um compromisso entre todos. Os elementos do grupo têm que se motivar mutuamente, felicitando-se em conjunto pelas aprendizagens realizadas (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999). A interação estimuladora possibilita o aumento do rendimento escolar e faz com que o conhecimento mútuo melhore. Para que seja eficaz, o tamanho do grupo deve ser entre dois e quatro elementos (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999; LOPES; SILVA, 2009);
- d) **competências sociais:** indispensáveis no trabalho em grupo cooperativo, têm, segundo Lopes e Silva (2009), que ser ensinadas aos alunos para que consigam cooperar de forma eficaz. Algumas dessas competências são a liderança, a escuta ativa, a comunicação e a resolução de conflitos;
- e) **avaliação do grupo:** Johnson, Johnson e Holubec (1999) e Iqbal (2004) afirmam que ocorre quando os elementos do grupo analisam o cumprimento dos objetivos estabelecidos para uma

tarefa e para si próprios, tendo em conta as regras definidas. Nessa avaliação, os alunos têm que determinar as atitudes positivas e negativas e as condutas que o grupo deve manter ou modificar. Para que eles possam realizar essa avaliação, necessitam que lhes seja concedido o tempo necessário, bem como as condições essenciais (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999).

As características apresentadas possibilitam o ajustamento e a adaptação da aprendizagem cooperativa às circunstâncias específicas e às necessidades dos alunos, bem como a intervenção pedagógica para melhorar a eficácia de qualquer grupo que não esteja funcionando bem (JOHNSON; JOHNSON; SMITH, 2007).

Nos grupos tradicionais, não existe interdependência positiva entre os elementos, que nem sempre trocam informações e conhecimentos sobre a tarefa que os envolve. Além disso, não existe discussão de ideias e os alunos apenas são responsáveis por si e não pelos colegas; da mesma forma, não há a construção de um espírito de equipe, uma vez que as atividades que promovem esse espírito são descuradas. Algumas vezes, no seio do grupo, gera-se uma discussão pela liderança, não sendo originada pelo valor do aluno que a provoca, mas, sim, por uma questão de afirmação diante da turma e do professor. As competências sociais também não são ensinadas, porque se presume que os alunos já as possuam. O professor, por sua vez, além de não controlar os grupos, não lhes dá *feedback* sobre o seu funcionamento; já os alunos mais responsáveis preferem trabalhar sozinhos, porque pensam que suas capacidades não estão sendo aproveitadas dentro do grupo (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999). Por fim, os professores que recorrem a métodos de aprendizagem tradicionais não permitem qualquer tipo de cooperação por parte dos alunos, sendo que cada um deles interage apenas com a informação dada pelo professor, que pode ser oral ou escrita (HECOX, 2010).

Como já visto, nos grupos de aprendizagem cooperativa, existe interdependência positiva, tendo os alunos consciência de que o bom desempenho do grupo depende do empenho de cada um numa dada tarefa

em que se encontram envolvidos. Por essa razão, cada elemento do grupo demonstra responsabilidades em relação a si mesmo e aos colegas. Neste tipo de grupo, cada elemento promove o bom rendimento dos restantes, por meio da partilha de informações e de conhecimentos, bem como do incentivo e da ajuda mútua. Nele, também a liderança é partilhada. Já o professor controla, de forma continuada, o trabalho do grupo, registrando as informações, dando *feedback* sobre o seu funcionamento e, quando necessário, intervindo. Por fim, esses grupos de aprendizagem analisam regularmente a sua eficácia e o desempenho de cada um dos seus elementos, com o objetivo de melhorar o seu desempenho (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999; LOPES; SILVA, 2009).

Tipos de grupo de aprendizagem cooperativa

Segundo Johnson, Johnson e Holubec (1999), existem três tipos de grupo de aprendizagem cooperativa: os grupos formais, informais e de base. Os grupos formais são aqueles que funcionam durante um período de tempo, que pode variar entre uma hora e várias semanas. Nesse tipo, os estudantes trabalham para atingir um objetivo comum, garantindo que as tarefas em que estão envolvidos sejam concluídas, além de participarem de forma ativa nas tarefas intelectuais de organização do material, explorando-o, explicando-o e integrando-o nas estruturas conceituais já existentes (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999).

Os grupos informais funcionam durante um período de tempo menor que o dos formais, podendo ser de apenas uns minutos até uma aula inteira, e são, normalmente, utilizados pelo professor durante uma atividade mais direcionada, como, por exemplo, uma demonstração, uma leitura ou a realização de um exercício. Tal como os formais, permitem assegurar que os alunos realizem o trabalho intelectual de organizar, explicar, resumir e integrar o material nas estruturas conceituais existentes (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999; JOHNSON; JOHNSON; SMITH, 2007).

Por fim, os grupos de base são formados para um maior período de tempo, que normalmente corresponde a um ano letivo. Esses grupos são heterogêneos em termos de aprendizagem e os seus elementos não se modificam. O objetivo primordial na formação desses grupos é o de todos os elementos ajudarem-se e se apoiarem, para melhorar o rendimento escolar de cada um. Os alunos desenvolvem relações responsáveis e sólidas que irão motivá-los a se esforçar na realização das tarefas, a fim de que tenham a melhor aprendizagem e desenvolvimento social possíveis (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999).

O papel do professor e do aluno na aprendizagem cooperativa

Apesar de o papel do professor ter grande importância para o sucesso acadêmico dos alunos, nem todas as práticas pedagógicas têm o mesmo efeito na sua aprendizagem (LOPES; SILVA, 2009). Bidegáin (1999) afirma que o professor desempenha três funções muito importantes no contexto da implementação da aprendizagem cooperativa: mediação, quando planifica as atividades a ser desenvolvidas, organiza o material e os grupos na aula e distribui as tarefas entre eles; observação, quando verifica alguma dificuldade do grupo na realização de uma tarefa, desencadeando alguma intervenção pedagógica para estimular a cooperação dos alunos na superação dessa dificuldade; e facilitação da autonomia na aprendizagem, pois, de forma gradual, dá mais autonomia aos alunos, conferindo-lhes um maior controle das atividades e tarefas desempenhadas e estimulando a tomada de decisão por parte deles.

Também para os alunos a definição dos seus papéis dentro do grupo cooperativo tem grande importância, porque, por um lado, isso indica ao grupo o que cada um pode esperar que o outro faça e, por outro, permite que cada um saiba o que tem de fazer, evitando que se atrapalhem e fazendo com que o trabalho seja mais produtivo (LOPES; SILVA, 2009). A atribuição de papéis aos alunos tem as seguintes vantagens: diminui a probabilidade de eles terem uma postura passiva ou dominadora no seio

do grupo; assegura que utilizem as técnicas básicas de grupo; cria interdependência entre os elementos do grupo, que pode ser aumentada quando têm papéis complementares e interligados (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999).

Para Williams (2002), os papéis mais desempenhados pelos alunos dentro dos grupos cooperativos são: organizador, encorajador, secretário, monitor dos materiais, repórter, cronometrista e verificador, devendo estes ser rotativos. Tal rotatividade faz com que não exista um líder fixo, mudando em função da responsabilidade das tarefas, pois o líder é escolhido consoante as suas habilidades e os requisitos da tarefa a ser realizada. Também, o fato de os alunos terem diferentes habilidades permite que aprendam uns com os outros e reforcem as habilidades menos desenvolvidas.

Metodologia de investigação

No contexto educativo português, tem-se assistido, atualmente, à utilização da aprendizagem cooperativa por um número cada vez maior de professores dos vários níveis de ensino. Desse modo, realizamos uma investigação que procurou dar resposta à seguinte questão/problema: quais são as opiniões dos professores sobre a aprendizagem cooperativa? Nesse sentido, definimos como objetivos de investigação os seguintes: descrever as percepções dos professores participantes no estudo sobre aprendizagem cooperativa; identificar as dificuldades/constrangimentos que encontram na implementação dessa aprendizagem no processo de ensino e aprendizagem; identificar as vantagens e as desvantagens da utilização da aprendizagem cooperativa no processo de ensino e aprendizagem apontadas pelos professores.

Tendo em conta a problemática de investigação, optou-se por um estudo qualitativo (BOGDAN; BIKLEN, 1994) de natureza exploratória, do qual participaram sete professoras: uma professora com 54 anos de idade, que lecionava há 28 anos; outra com 23 anos, que lecionava há

apenas um ano; outra com 54 anos de idade e 26 anos de experiência docente; uma quarta professora com 35 anos de idade, que lecionava há oito anos; outra com 33 anos de idade e experiência docente de 12 anos; uma com 23 anos de experiência docente e 52 anos de idade; por fim, uma professora que tinha 49 anos de idade e 25 anos de docência.

Essa investigação foi concretizada pela realização de entrevistas semiestruturadas (GHIGLIONE; MATALON, 1993) aplicadas às professoras participantes. Para isso, foi construído um guia com questões relativas à opinião delas sobre o conceito de aprendizagem cooperativa, à pertinência dessa aprendizagem na promoção da aprendizagem, ao papel dos professores nessa prática, às dificuldades na sua implementação em sala de aula e à eficácia da prática na aprendizagem dos alunos. Para a validação do conteúdo desse guia (SOUSA, 2005), foi pedido a cinco professores que não participaram do estudo para lê-lo e se pronunciar sobre a clareza das questões, sua abrangência relativamente ao tema, além da necessidade, ou não, de retirar, acrescentar ou reformular as questões. Desse processo, não resultaram quaisquer sugestões de alteração, de modo que o guia foi usado.

Após a realização das entrevistas, procedemos à sua transferência para fichários codificados e transcrição, procurando respeitar o discurso gravado, para que o sentido das frases e das ideias não fosse alterado. Da transcrição dos dados, originaram-se sete protocolos, que foram objeto de análise de conteúdo, da qual resultou uma classificação emergente (BARDIN, 1995; ESTEVES, 2006), com as seguintes categorias e subcategorias:

- a) entendimento de aprendizagem cooperativa, com as seguintes subcategorias: concepção de aprendizagem cooperativa e distinção entre aprendizagem cooperativa e aprendizagem tradicional;
- b) condições para a implementação da aprendizagem cooperativa, com as seguintes subcategorias: influência do método e das turmas, explicação aos alunos sobre o que é e como funciona a aprendizagem cooperativa, entendimento dos alunos dos papéis

- a desempenhar, aquisição de regras, treino das competências sociais e mudanças no espaço da sala de aula;
- c) organização dos grupos cooperativos, com as seguintes subcategorias: número de alunos, papel do aluno no grupo cooperativo e papel do professor no mesmo grupo;
 - d) características dos grupos tradicionais, com as seguintes subcategorias: ausência de papéis dos alunos, desresponsabilização dos alunos pelo sucesso do grupo, falta de interajuda, dificuldade de desenvolver relações interpessoais e ausência de cooperação;
 - e) características dos grupos cooperativos, com as seguintes subcategorias: responsabilização dos alunos na tarefa, heterogeneidade dos grupos, definição dos papéis dos alunos, dependência do nível do sucesso e interajuda entre os alunos;
 - f) obstáculos à implementação da aprendizagem cooperativa, com as seguintes subcategorias: resistência à mudança, falta de conhecimento da aprendizagem cooperativa, maior preparação prévia por parte dos professores, falta de tempo, falta de hábitos no trabalho em grupo pelos alunos e cultura individualista dos alunos;
 - g) vantagens da aprendizagem cooperativa, com as seguintes subcategorias: sucesso escolar dos alunos, aumento de sua autoestima, aumento de sua autonomia, melhoria das competências sociais e melhoria do funcionamento das aulas para os professores.

A aprendizagem cooperativa na voz das professoras participantes do estudo

Os resultados obtidos em relação às opiniões das professoras entrevistadas sobre a aprendizagem cooperativa são apresentados e discutidos em seguida, a partir das categorias que emergiram da análise de conteúdo.

Entendimento da aprendizagem cooperativa

Quando questionadas sobre o que era a aprendizagem cooperativa, as professoras responderam que era um método diferente do tradicional e que essa diferença deveria ser explicada de forma clara aos alunos. Segundo elas, trata-se de um método de ensino e aprendizagem em que, não tendo o professor o papel mais ativo, os alunos trabalham juntos em grupos heterogêneos, com regras definidas, para um objetivo comum, ajudando-se e partilhando situações para adquirir conhecimentos e competências sociais (FREITAS; FREITAS, 2003; JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999; KAGAN, 1994; LOPES; SILVA, 2009; MASET, 2003; SLAVIN; LEAVEY; MADDEN, 1984).

Primeiro confundia um pouco com a aprendizagem tradicional, mas depressa percebi que era completamente diferente [...]. Explicar-lhes [aos alunos] muito bem a diferença que existe entre a aprendizagem tradicional e a cooperativa (Prof. A).

Ao contrário daquilo que acontece na aprendizagem tradicional, na aprendizagem cooperativa o professor deixa de ser o centro das atenções (Prof. D).

Para mim a aprendizagem cooperativa é um método de ensino-aprendizagem em que os alunos trabalham em pequenos grupos heterogêneos com o objetivo de realizar uma função comum (Prof. E).

As professoras acrescentaram, ainda, que a aprendizagem cooperativa é diferente do ensino tradicional, deixando o professor de ter o papel de transmissor de informação. Nesse sentido, também Johnson, Johnson e Holubec (1999), Lopes e Silva (2009) e Ribeiro (2006) salientam que a aprendizagem cooperativa tem vários aspectos que são diferentes da aprendizagem tradicional. Enquanto nessa última não existe interdependência positiva nos alunos e estes não discutem ideias, sendo responsáveis apenas por si próprios, na aprendizagem cooperativa existe interdependência positiva entre os elementos do grupo, os alunos

partilham informações entre si e são responsáveis por si e pelos colegas. Nessa ordem de ideias, Freitas e Freitas (2003), Lopes e Silva (2009) e Panitz (2012) relatam que, na aprendizagem cooperativa, os alunos assumem um papel mais ativo no processo de ensino e aprendizagem, não se limitando a ouvir o que o professor transmite.

Condições para a implementação da aprendizagem cooperativa

No que respeita às condições para a implementação da aprendizagem cooperativa, a professora A disse que depende das turmas e do método utilizado, tendo sido necessária uma sensibilização prévia dos alunos para a aprendizagem cooperativa, visto que precisam ter noção de que os papéis que vão desempenhar são específicos e importantes. Por fim, mencionou que procede a mudanças no espaço da sala de aula com frequência, formando um quadrado.

Depende das turmas e do método que é posto em prática [...]. É necessário também uma sensibilização prévia. [Os alunos] perceberem que vão desempenhar papéis muito específicos e que esses papéis são importantes. [...] Em línguas eles normalmente têm que ter já os pré-requisitos, porque não tendo, não vale a pena. [...] Procedo a mudanças, normalmente fazendo um quadrado (Prof. A).

Para as professoras D, E e G, uma das condições para a implementação da aprendizagem cooperativa foi a explicação aos alunos do funcionamento do método, bem como em que consistia:

Deve-se explicar claramente aos alunos em que consiste e como funciona a aprendizagem cooperativa. Antes de aplicar a aprendizagem cooperativa ten-tei que os alunos percebessem o método e o seu funcionamento [...] (Prof. D).

Previamente deve ser explicado o funcionamento método [...] (Prof. E).

Os alunos têm que ser previamente informados de como funciona o método [...] (Prof. G).

Outra condição referida foi o entendimento, por parte dos alunos, da importância do seu papel e do cumprimento de regras, da definição clara dos objetivos da tarefa e do treino das suas competências sociais, pelo que é necessário proceder a modificações na sala de aula, juntando as mesas para os alunos sentarem-se frente a frente e interagirem com facilidade.

Eles têm que adquirir algumas regras [...] (Prof. C).

Terão um papel muito importante [...] Os alunos têm que ser preparados ao nível das competências sociais [...] Procedo a alterações no espaço de sala de aula [...]. Junto as mesas de modo a que eles fiquem frente a frente [...] (Prof. D).

Os objetivos devem ser claramente delineados e especificados antes de se utilizar a aprendizagem cooperativa [...]. Considero fundamental proceder a alterações na organização do espaço da sala de aula. Procedo a alterações nas mesas, de modo a que os alunos se sentam frente a frente [...]. É preciso otimizar o espaço na sala de aula para que os alunos possam interagir e movimentar-se facilmente [...] (Prof. B).

Gillies e Boyle (2010) afirma que, antes de ser utilizada a aprendizagem cooperativa, os alunos devem ser preparados e aprender a trabalhar cooperativamente, além de serem ensinadas algumas competências sociais. É salientado ainda, por Lopes e Silva (2009), que o professor deve, na fase de pré-implementação do método, definir claramente os objetivos e os papéis dos alunos, adaptar a sala de modo que possam ter interação uns com os outros e planejar os materiais.

Organização dos grupos cooperativos

Quanto à organização dos grupos cooperativos, todas as professoras referiram que devem ser de três a quatro alunos e algumas delas

disseram que neles deve-se desempenhar um papel previamente estabelecido, que tem de ser rotativo entre os vários alunos, para que todos realizem as mesmas funções.

Os grupos devem ser constituídos por 4 elementos. [...] Cada aluno deve ter um papel que deve ser previamente destinado. Os papéis do seio do grupo são rotativos [...] (Prof. A).

Todos os alunos devem desempenhar um determinado papel [...] esse papel deve ser rotativo entre os elementos do grupo (Prof. B).

Os alunos vão mudando de papel, o que permite que todos experienciem todos os papéis (Prof. C).

Os alunos devem ter um papel rotativo, para assim assegurar que todos vão desempenhando diferentes funções [...] (Prof. F).

Em relação ao papel do professor nos grupos cooperativos, as professoras mencionaram que circulam pela sala, observando, escutando e controlando os alunos para que não se desviem do que estão fazendo, prestando ajuda sempre que solicitado, elogiando, dando-lhes *feedback* e verificando se estão cumprindo o papel atribuído.

Eu, normalmente o que faço é circular pelos grupos [...] esclareço as dúvidas sempre que os alunos solicitam (Prof. A).

*Controlo o comportamento dos alunos, intervindo se necessário, presto ajuda, elogio e dou *feedback* aos alunos e aos grupos [...] (Prof. B).*

Quando os grupos estão a realizar uma tarefa, o meu papel é o de observá-los, andar pela sala, esclarecer as dúvidas e assegurar que os alunos não se desviam do que têm de fazer [...] (Prof. D).

Eu procuro estar atenta para ver se os alunos estão a desempenhar os papéis que lhes foram atribuídos, chamando a atenção quando isso não está a acontecer [...] (Prof. G).

Para Cochito (2004) e Ribeiro (2006), não existe um tamanho ideal para os grupos de aprendizagem cooperativa, pois o seu tamanho varia consoante o tipo de tarefa que vai ser realizado e o nível de competências de cooperação já atingido pelos alunos. Johnson, Johnson e Holubec (1999) e Lopes e Silva (2009) apontam que os grupos cooperativos devem ter entre dois e quatro alunos e afirmam que, quanto menor for o grupo, melhor. Ademais, Cochito (2004), Johnson, Johnson e Holubec (1999), Lopes e Silva (2009) e Williams (2002) mencionam que os papéis dos alunos nos grupos cooperativos devem ser rotativos para que possam desempenhar diferentes funções dentro do grupo, o que permite que elas sejam mais facilmente interiorizadas por todos. Essas opiniões vão ao encontro daquelas manifestadas pelas professoras participantes, porque a maior parte delas referiu que os grupos deviam ser constituídos por três ou quatro elementos e que os diferentes papéis dos alunos nos grupos cooperativos têm que ser rotativos.

Também, as opiniões das professoras entrevistadas sobre circularem pela sala, observando, escutando e controlando os alunos, de modo que estes não se desviem do que estão fazendo, ajudando sempre que solicitado e elogiando os alunos, são destacadas por Lopes e Silva (2009), segundo quem, durante a fase de implementação da aprendizagem cooperativa, o professor deve procurar controlar o comportamento dos alunos, intervir se necessário, prestar ajuda e elogiar os alunos.

Características dos grupos cooperativos

Relativamente às características dos grupos cooperativos, as professoras referiram que devem ser heterogêneos e que os papéis dos alunos têm que estar bem definidos e ser valorizados, sendo o sucesso de um o sucesso de todos, uma vez que todos são corresponsáveis pela tarefa, cumprindo cada um aquela que foi negociada.

Os grupos devem ser heterogêneos e cumprem papéis muito bem definidos e que esses papéis são valorizados [...]. O sucesso de um é o sucesso de todos (Prof. A).

Os grupos devem ser heterogêneos [...]. Cada elemento tem um papel, que é decisivo, no grupo (Prof. B).

Todos têm uma tarefa e são responsabilizados [...] (Prof. C).

Essas opiniões são corroboradas por Cochito (2004), Johnson, Johnson e Holubec (1999) e Lopes e Silva (2009), que afirmam que os grupos cooperativos devem ser heterogêneos, isto é, devem ser compostos por alunos de diferentes sexos e com distintos níveis de aproveitamento escolar. Johnson, Johnson e Holubec (1999) e Lopes e Silva (2009) indicam também que, nos grupos cooperativos, todos os elementos devem ter consciência de que só terão sucesso se todos os elementos tiverem. Acrescentam, ainda, que cada elemento do grupo assume responsabilidades individuais, devendo os papéis de cada um estar bem definidos, de modo que os alunos sintam que esse papel é importante para o grupo. Quando realizam as tarefas, os elementos do grupo partilham informações e materiais e ajudam-se, de modo que, se as fizerem com sucesso, serão recompensados.

Obstáculos/constrangimentos à implementação da aprendizagem cooperativa

Foram alguns os obstáculos ou constrangimentos apontados pelas professoras em relação à implementação da aprendizagem cooperativa na sala de aula, tendo sido mencionada a maior resistência à mudança de métodos de ensino, particularmente por parte de professores de matemática e de ciências, que resulta do desconhecimento do método.

Os professores de matemática são muito resistentes à mudança, sendo mesmo obtusos e os das ciências são muito mais renitentes à mudança (Prof. A).

Eu penso que muitas vezes isso acontece porque as pessoas não conhecem a aprendizagem cooperativa [...] (Prof. C).

Os professores muitas vezes nunca experimentaram e já dizem que não gostam (Prof. F).

Para a professora G, outro obstáculo à aprendizagem cooperativa foi a falta de tempo, referindo que, mesmo comunicando aos professores as vantagens que esse método traz, estes responderam sempre que não tinham tempo:

[...] os professores acham sempre que nunca têm tempo [...] Por muito que se diga que a aprendizagem cooperativa tem muitas vantagens, que motiva os alunos e de que eles gostam, os professores dizem sempre que não têm tempo (Prof. G).

Nesse sentido, Panitz (2012) afirma que um dos obstáculos à aprendizagem cooperativa é o receio dos professores em perder o controle da aula, visto que os alunos passam a ter um papel mais ativo, além da necessidade de preparar materiais e de nem sempre os professores terem tempo para fazer isso.

Outros obstáculos mencionados foram: o método dá muito trabalho; muitas vezes os melhores alunos criam dificuldades, porque não querem se juntar aos mais fracos; a falta de tempo, associada à necessidade de cumprimento de programas extensos; a existência de poucos recursos na sala de aula; e o fato de os alunos não estarem habituados a ter uma função dentro do grupo.

Alguns professores desistem de implementar porque dá muito trabalho. Os melhores alunos criam algumas dificuldades na implementação da aprendizagem cooperativa, porque não querem ficar com os mais fracos mas sim com os melhores, porque pensam que os mais fracos os vão atrapalhar. [...] O fator tempo é uma dificuldade e os recursos são poucos (Prof. A).

Uma dificuldade que pode surgir é o fato de os programas serem muito extensos [...]. Uma das dificuldades que senti foi quando da distribuição dos

papéis aos alunos, pois verifiquei que estes não estavam habituados a ter uma função no grupo (Prof. B).

É o fato de os alunos com melhor rendimento se mostrarem um pouco reticentes em trabalhar com os de pior rendimento, porque pensam que vão sair prejudicados [...]. As dificuldades que tenho encontrado são mais ao nível do material que é necessário (Prof. C).

Uma das dificuldades é devido á extensão dos programas [...]. Outra das dificuldades é o fato de os alunos de hoje em dia terem uma cultura individualista (Prof. D).

Essas dificuldades são também relatadas por vários autores. Por exemplo, Gillies e Boyle (2010) e Serra (2007) referem que a falta de tempo e de recursos é considerada um obstáculo. Já Johnson, Johnson e Smith (2007) afirmam que os alunos não estão habituados a trabalhar em grupo de forma cooperativa e têm uma cultura individualista e competitiva, o que dificulta a implementação da aprendizagem cooperativa. Ainda, Herreid (1998) e Johnson, Johnson e Holubec (1999) mencionam que os melhores alunos preferem trabalhar sozinhos a trabalhar em grupo, visto que têm receio de ser prejudicados, o que constitui uma dificuldade à implementação da aprendizagem cooperativa.

Vantagens da aprendizagem cooperativa

Em relação às vantagens da aprendizagem cooperativa, todas as professoras relataram que esse método melhora o rendimento escolar dos alunos, sendo que a professora D realçou o fato de eles aprenderem melhor. Ainda, algumas professoras mencionaram como vantagem a melhoria da autoestima e da autoconfiança dos alunos, o que contribui não só para o seu sucesso, como para o do grupo.

Os alunos melhoram muito o seu desempenho (Prof. B).

Os alunos melhoram o seu rendimento escolar (Prof. C).

Uma das vantagens é os alunos aprenderem melhor (Prof. D).

Os alunos aumentam a sua autoestima. [Ficam] muito orgulhosos de si próprios, porque percebem que contribuem para o seu próprio sucesso e o da equipa, bem como aumentam a sua autoconfiança (Prof. A).

À exceção de uma professora, todas as outras referiram o aumento de competências sociais dos alunos como uma das vantagens da aprendizagem cooperativa, relacionando-se essas competências com a responsabilidade, a autonomia e as relações interpessoais:

Melhora as competências sociais dos alunos [...] (Prof. A).

Estimula e desenvolve relações interpessoais e encoraja a responsabilidade pelos outros (Prof. B).

Adquirem muitas competências sociais (Prof. C).

Para as professoras D e F, outra vantagem da aprendizagem cooperativa é a de esse método motivar os alunos, especificando a professora D que ele ajuda na motivação intrínseca dos alunos na aprendizagem:

Motiva os alunos, faz com que a motivação intrínseca, que muitas vezes não se vê, comece a aparecer [...] (Prof. D).

Os alunos ficam mais motivados (Prof. F).

Os resultados do nosso estudo revelam que a aprendizagem cooperativa tem muitas vantagens, aumentando as competências sociais (HERREID, 1998; RAMOS, 2008; RIBEIRO, 2006; SLAVIN, 1991; VIEIRA, 2011), a autoestima e o sucesso escolar dos alunos (FATHMAN; KESSLER, 1992; GONÇALVES, 2010; RAMOS, 2008). As professoras entrevistadas ainda mencionaram o ambiente ativo de aprendizagem que

a aprendizagem cooperativa cria (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999; LOPES; SILVA, 2009).

Conclusão

A aprendizagem cooperativa constitui um método de ensino e aprendizagem que, desenvolvendo competências sociais e possibilitando aos alunos realizar aprendizagens significativas, contribui para a formação de pessoas que facilmente se integram numa sociedade democrática e da informação.

Do estudo realizado para compreendermos as opiniões de sete professoras sobre a aprendizagem cooperativa, pudemos concluir que, para elas, essa aprendizagem constitui um método de ensino e aprendizagem com diversificadas vantagens para os alunos, como o aumento do seu rendimento escolar e da sua autoestima e a melhoria das suas competências sociais. Contudo, elas também manifestaram algumas dificuldades na implementação desse método, tais como: dificuldades criadas pelos melhores alunos, que resistem em trabalhar com os piores, por terem receio de não realizar tão bem as tarefas escolares; a implicação de necessitar de tempo e recursos que nem sempre existem; a extensão dos programas das disciplinas, sendo que nem sempre há tempo suficiente para os alunos aprenderem cooperativamente; a cultura individualista dos alunos e a sua falta de hábitos de trabalho em grupo.

Apesar dessas dificuldades, as professoras implementam a aprendizagem cooperativa na sala de aula, acreditando que, dessa forma, os alunos aprendem mais e melhor e desenvolvem competências sociais importantes para a vida em sociedade.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BIDEGÁIN, N. U. (Coord.). **El aprendizaje cooperativo**. Pamplona: Departamento de Educación y Cultura de Navarra, 1999. Disponível em: <http://dpto.educacion.navarra.es/publicaciones/pdf/apr_coop.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2011.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994.

COCHITO, M. I. G. S. **Cooperação e aprendizagem**: educação intercultural. Lisboa: Acime, 2004.

ESTEVES, M. Análise de conteúdo. In: LIMA, J. A.; PACHECO, J. A. B. (Org.). **Fazer investigação**: contributos para a elaboração de dissertações e teses. Porto: Porto, 2006. p. 105-126.

FATHMAN, A. K.; KESSLER, C. Cooperative language learning in school contexts. **Annual Review of Applied Linguistics**, v. 13, p. 127-140, 1992.

FREITAS, L. V.; FREITAS, C. V. **Aprendizagem cooperativa**. Porto: Asa, 2003.

GHIGLIONE, R.; MATALON, B. **O inquérito**: teoria e prática. Oeiras: Celta, 1993.

GILLIES, R. M.; BOYLE, M. Teachers' reflections on cooperative learning: issues of implementation. **Teacher and Teaching Education**, v. 26, n. 4, p. 933-940, May 2010.

GOIKOETXEA, E.; PASCUAL, G. Aprendizaje cooperativo: bases teóricas y hallazgos empíricos que explican su eficacia. **Educación XXI**, v. 5, p. 227-247, 2002.

GONÇALVES, L. M. P. **A aprendizagem cooperativa**: contributo para a melhoria das competências cognitivas e sociais de alunos com e sem N. E. E. 2010. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2010.

HECOX, C. C. **Cooperative learning and the gifted student in elementary mathematic**. 2010. 118 f. Tese (Doutorado em Educação) — Liberty University, Lynchburg, 2010. Disponível em: <<http://digitalcommons.liberty.edu/doctoral/365>>. Acesso em: 6 set. 2013.

HERREID, C. F. Why isn't cooperative learning used to teach science?. **BioScience**, v. 48, n. 7, p. 553-559, July 1998.

IQBAL, M. **Effects of cooperative learning on academic achievement of secondary school students in Mathematics**. 2004. 105 f. Tese (Doutorado em Educação) — University of Arid Agriculture, Rawalpindi, 2004. Disponível em: <<http://eprints.hec.gov.pk/388/1/239.html.htm>>. Acesso em: 6 set. 2013.

JOHNSON, D. W.; JOHNSON, R. T. An overview of cooperative learning. In: THOUSAND, J. S.; VILLA, R. A.; NEVIN, A. I. (Ed.). **Creativity and collaborative learning: the practical guide to empowering students, teachers and families**. Baltimore: Brookes Press, 1994. p. 1-21.

JOHNSON, D. W.; JOHNSON, R. T.; HOLUBEC; E. J. **El aprendizaje cooperativo en el aula**. Buenos Aires: Paidós, 1999.

JOHNSON, D. W.; JOHNSON, R. T.; SMITH, K. The state of cooperative learning in post secondary and professional settings. **Educational Psychology Review**, v. 19, n. 1, p. 15-29, Mar. 2007.

JOHNSON, D. W.; JOHNSON, R. T.; STANNE, M. B. **Cooperative learning methods: a meta analysis**. 2000. Disponível em: <<http://www.tablelearning.com/uploads/File/EXHIBIT-B.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2011.

KAGAN, S. **Cooperative learning**. San Clemente: Kagan Publishing, 1994.

LOPES, J.; SILVA, H. S. **A aprendizagem cooperativa na sala de aula: um guia prático para o professor**. Lisboa: Lidel, 2009.

MASET, P. P. **La escuela inclusiva y el aprendizaje cooperativo**. 2003. Disponível em: <http://www.deciencias.net/convivir/1.documentacion/D.cooperativo/Escuela-inclusiva_ACooperativo_Pujolas_17p.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2011.

PANITZ, T. Why more teachers do not use collaborative learning techniques. In: PANITZ, T. **Ted's cooperative learning e-book**. 2012. Disponível em: <<http://home.capecod.net/~tpanitz/tedsarticles/whyfewclusers.htm>>. Acesso em: 18 jan. 2012.

RAMOS, R. C. C. **A aprendizagem cooperativa no ensino-aprendizagem das ciências naturais** – o método STAD. 2008. 178 f. Dissertação (Mestrado em Biologia e Geologia para o Ensino) — Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2008.

RIBEIRO, C. M. C. **Aprendizagem cooperativa na sala de aula**: uma estratégia para aquisição de algumas competências cognitivas e atitudinais definidas pelo Ministério da Educação – um estudo com alunos do 9º ano de escolaridade. 2006. 222 f. Dissertação (Mestrado em Biologia e Geologia para o Ensino) — Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2006.

ROS, S. L. Una estrategia eficaz para fomentar la cooperación. **Estudios sobre Educación**, v. 1, p. 99-110, 2001.

SERRA, A. P. L. B. N. **Uma oficina de formação de aprendizagem cooperativa** – aspectos de leccionação da matemática. 2007. 383 f. Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências) — Universidade Aberta, Lisboa, 2007.

SLAVIN, R. E. **Student team learning**: an overview and practical guide. Washington: National Education Association, 1988.

SLAVIN, R. E. Synthesis of research on cooperative learning. **Educational Leadership**, v. 48, n. 5, p. 71-82, Feb. 1991.

SLAVIN, R. E. Research on cooperative learning and achievement: what we know, what we need to know. **Contemporary Educational Psychology**, v. 21, n. 1, p. 43-69, Jan. 1996. Disponível em: <http://www.konferenslund.se/pp/TAPPS_Slavin.pdf>. Acesso em: 7 set. 2013.

SLAVIN, R. E.; LEAVEY, M. B.; MADDEN, N. A. Combining cooperative learning and individualized instruction: effects on student mathematics achievement, attitudes, and behaviors. **Elementary School Journal**, v. 84, n. 4, p. 408-422, Mar. 1984. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1001367>>. Acesso em: 7 set. 2013.

SOUSA, A. B. **Investigação em educação**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

VIEIRA, C. P. C. **Aprendizagem cooperativa no treino das competências sociais**. 2011. 153 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) — Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2011.

VIEIRA, P. N. B. **Estratégias alternativas de ensino-aprendizagem na matemática**: estudo empírico de uma intervenção com recurso à aprendizagem cooperativa, no contexto do Ensino Profissional. 2000. 271 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Universidade do Porto, Porto, 2000.

WILLIAMS, R. B. **Cooperative learning**: a standard for high achievement. California: Corwin Press, 2002.

Recebido: 22/10/2012

Received: 10/22/2012

Aprovado: 23/02/2013

Approved: 02/23/2013